



Nos Canais de Mértola histórias do Guadiana

Pedro Ferro

O Guadiana tem aqui um traçado caprichoso. Estamos na zona dos Canais, no concelho de Mértola, a poucos quilómetros de Corte Gafó de Baixo e a poucos passos da rocha da Galé, imponente no meio do rio. Um açude vai de margem a margem dificultando a passagem às lampreias que sobem a corrente para a mesovela. No açude há um moinho, parado vai para três anos. O rio, o açude e o moinho fizeram os homens. Um desses homens, temperados ao sabor das correntes, é Joaquim Francisco Mestre. Tem hoje 72 anos. Foi moleiro, pescador, contrabandista.

Joaquim Mestre gosta do rio. Vê-se-lhe nos olhos quando recorda os 37 anos que viveu na zona dos Canais, escutando o Guadiana com o baço pulando o açude. Foi para lá contratado como ajudante de moleiro. Depois, como moleiro, instalou-se na casa situada na costa, a única em quilómetros em redor.

CHEIAS
Joaquim Mestre: «de uma vez havia notícias que uma barragem espanhola estava em perigo. Pedi aos meus cunhados que viessem passar a noite comigo para me ajudarem a salvar as coisas se a água chegasse cá acima. Noutra ocasião — lembra ele — estava um grande temporal para os lados de Espanha. Aqui chovia há três ou quatro dias. O rio subiu de repente. Ao sol posto a água passava sobre o moinho. Quando eram dez da noite já tinha subido mais de 20 metros. Estavam aqui umas pessoas acolhidas que me ajudaram».

«Era no tempo em que cada um fazia o seu pão e o moinho trabalhava todo o ano. Vinha aqui muita gente de todo o lado. Tive dias de sozinho carregar, da outra margem, 48 cargas de trigo. Carregava o trigo para cá e depois carregava a farinha para lá. Cada carga eram dois sacos, que vinham em bestas. O moinho só não trabalhava quando o rio ia muito cheio».

O CANEIRO
A pesca também lhe ocupava a vida. No açude, junto ao moinho, há uma es-

travessa o rio, coroada de estacas de madeira e nelas um entrançado de ramos. É o caneiro, como lhe chama Joaquim Mestre. O rio é aqui estrangulado e a corrente é impetuosa.

«Ninguém se lembra quando foi feito o caneiro. A lampreia tem a tendência de subir o rio nos meses de Fevereiro, Março e Abril». Ao chegar ao açude a lampreia (ou o sável, a tainha, a saboga) tenta passar, mas de repente, é empurrada pela violência da corrente que a faz recuar prendendo-a no caneiro, onde previamente uma rede é colocada.

Joaquim Mestre trabalhava para um patrão. Pescava e ia vender a Mértola, uma hora a remar. «Ia todos os dias de barco a remos. Quando regressava custava mais, porque tinha o vento de frente. E vinha quase sempre carregado».

Mais tarde acabaram as idas diárias a Mértola com o pescado. «As pessoas passaram a vir aqui comprar o peixe para depois venderem noutros lados».

«Pelo Santiago, no verão, faziam bailes no areal. Vinha muita gente de Corte Sines e de outros sítios. Dormiam aqui. Eram mulheres, raparigas, homens. Montavam uma taberna como se fosse feira e dança-vam». Joaquim Mestre a tudo assistiu.

CONTRABANDO

Assistiu a acontecimentos agradáveis e a outros desagradáveis. Os Canais são muitas vidas. Vidas, por vezes em fuga, como a dos refugiados da Guerra Civil espanhola. Figuras escuras, rostos familiares que encontravam abrigo aqui junto ao açude, no moinho e na casa. Fugidos de Franco, escondidos da GNR e de outros, que os denunciavam e devolviam a Espanha, para a frente de pelotões de execução falangistas na praça de touros de Badajoz.

«Houve um espanhol que esteve três anos escondido em Corte Sines. Os mesmos que o protegeram foram os mesmos que o denunciaram. Foi fuzilado. Era um bom homem».

«Aos 17 anos — conta Joaquim Mestre — juntel-me aos contrabandistas». Di-lo sem inibições. Joaquim Mestre foi um contrabandista que não enriqueceu. Se enriquecesse não falaria do passado. Os contrabandistas que enriqueceram nunca revelam a origem das suas fortunas. São pessoas de bem... «Abalávamos de carga às

chegávamos lá de madrugada. Para cá trazíamos bombazinhas, azeite, toucinho. Depois vendíamos por esses montes e aqui mesmo. Quando foi a guerra civil os espanhóis andavam à míngua e nós íamos vender lá. Íamos a Palmogo, Almedre, Trigueiros. Cheguei a ir muitas vezes até cinco quilómetros de Sevilha. Demorávamos cinco noites a andar para lá, com trinta quilos de café às costas e mais uns quilos de outras coisas e o farnel».

Para cá e para lá os Canais foram caminho de contrabando.

UM REGATO DE SANGUE

«Uma madrugada, em Espanha, estávamos escondidos num barranco. A água do regato era vermelha. Um amigo disse-nos que ali perto, há dois ou três dias, os franquistas tinham descarregado 3 ou 4 carradas de gente. Eram mais de 100 pessoas. Fuzilaram-nos todos ali. O sangue ainda corria pelas rochas direito no regato. Um homem arrepiava-se todo de ver aquilo...»

«Noutra manhã, íamos chegando a Isabel, na Espanha. Estava-se na força da guerra. Fomos vistos por um grupo de carabineiros. Havia duas horas de sol de madrugada. Os carabineiros mandaram-nos fazer alto, mas nós fugimos. Pegaram as pistolas e começaram a disparar. Deram mais de 50 tiros. As balas faziam espir-

um tiro. A nossa sorte foi esconder-nos atrás de um cerro».

Joaquim Francisco Mestre: 37 anos de Guadiana, um contador de histórias, com muitas na bagagem.

Desde há três anos que um só bago de cereal não é moído no moinho dos Canais. Os Canais viram passar o grão e a farinha, assistem todos os anos à passagem das lampreias, escutam os horrores contados pelos fugitivos da guerra de Espanha, foram caminho de contrabandistas de mochila às costas.

«Dantes haviam nuvens de pombos bravos no Guadiana». Agora, nos Canais há um ninho, sobre uma coluna em pedra, e cinco cegonhas — a mãe e as crias. São poucas mas livres.

A Câmara de Mértola ainda não possui nenhum estudo sobre os Canais. Admite contudo poder vir ali a investir no turismo.

Os Canais têm muitas histórias para contar. Os peixes sobem e descem o rio. Há loandeiros nas margens e as cegonhas poissam às vezes na rocha da Galé afirmando que aquele espaço é seu. O açude, o caneiro e o moinho viram passar muitas águas. No local há restos de fogueiras e petiscos. E ainda um lugar de convívio. Joaquim Mestre tem uma vida de remar contra a corrente. As lampreias sobem o rio, algumas vencem o açude e vão desovar lá longe. Também elas nadam contra a corrente. Para nos